

A ILÍADA E A ODISSEIA: DOIS PILARES DA CIVILIZAÇÃO GREGA E LEGADO PARA A POSTERIDADE

João José LOPES¹

Resumo: O estudo apresentado neste artigo traz breves reflexões acerca da importância das obras gregas *Ilíada* e *Odisseia*, atribuídas ao lendário rapsodo Homero. Consideradas obras fundadoras da literatura ocidental e concebidas como "pilares da civilização", inspiraram e influenciaram escritores e poetas de todos os tempos. Como herança do passado, a representação dessas epopeias caracteriza-se pelo poder de perpetuação, de preservação da arte, da cultura, dos valores morais, políticos e filosóficos. O estudo da intertextualidade torna-se fundamental para a análise do diálogo entre essas obras e a vasta produção que delas advém por meio do embate de muitas vozes socialmente diversificadas que ora se polemizam entre si, ora se completam ou se respondem.

Palavras-chave: *Ilíada* e *Odisseia*. Gênero Épico. Intertextualidade.

*Toda grande obra de literatura,
ou é a Ilíada ou é a Odisseia.*
Raymond Queneau

Existem obras que certamente são designadas como “Livros que mudaram o mundo”. São obras que transformaram a maneira como nos enxergamos e enxergamos os outros; livros que inspiraram debates, guerras e revoluções; que iluminaram, indignaram, provocaram ou consolaram o mundo. Livros que reuniram os melhores pensadores, pioneiros, radicais e visionários, cujas ideias balançaram a civilização e ajudaram a ser quem somos. São livros que não celebram a guerra, mas as batalhas que mais impactaram a história mundial. Além das batalhas tiveram importância vital na formação cultural e geográfica dos povos e das nações. Entre essas obras, evidentemente, estão aquelas que fazem parte do chamado Cânone Ocidental: a *Ilíada* e a *Odisseia*.

O gênero épico e a intertextualidade: de Homero aos dias de hoje

¹ Licenciado no Curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola, Minas Gerais - FAFILE/ UEMG, com especialização em Linguística e Literatura Comparada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários e Culturais, pelo Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais. Professor do quadro efetivo de Língua Portuguesa da rede pública de ensino do Estado de Minas Gerais. Porto Firme, Minas Gerais, Brasil. E-mail: joaolopespf@yahoo.com.br

A épica é um gênero muito antigo, tão antigo quanto à própria literatura ocidental. São deste gênero a *Iliada* e a *Odisseia* - poemas épicos gregos, atribuídos ao lendário rapsodo Homero, que reproduzem a compilação e a fusão da tradição oral e que constituem obras iniciadoras da literatura grega escrita.

O gênero épico foi cultivado pelos renascentistas, dentre eles Camões, que nos legou uma das maiores epopeias modernas, *Os Lusíadas*, cujas páginas narram a viagem de Vasco da Gama às Índias, embora o motivo principal fosse enaltecer o povo português, que se revela como verdadeiro herói dessa magnífica obra.

De acordo com Angélica Soares (2001), em seu livro *Gêneros literários*, a épica (ou epopeia), é

uma longa narrativa literária de caráter heroico, grandioso e de interesse nacional e social [...] que apresenta, juntamente com todos os elementos narrativos (o narrador, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço e tempo), uma atmosfera maravilhosa que, em torno de acontecimentos históricos passados, reúne mitos, heróis e deuses, podendo-se apresentar em prosa (como as canções de gesta medievais) ou em verso (como *Os Lusíadas*) (SOARES, 2001, p. 75).

Ler os clássicos, em particular os épicos clássicos, tornou-se hoje uma atividade essencial para se compreender a construção da sociedade contemporânea, por meio dos estudos sobre suas contradições, rupturas, seus erros e acertos, que muitas vezes são representados nas páginas de um romance ou de um conto modernos. No decurso desses estudos, o leitor apropria-se também de novas formas de escrita, além de expandir seus conhecimentos literários, cujas fronteiras tornam-se superáveis à medida que se pode associar o que se lê ao que já foi lido. Há, pois entre os textos, o que na percepção de alguns teóricos denomina-se *intertextualidade* – uma espécie de diálogo estabelecido entre os textos.

A intertextualidade é entendida como a utilização de textos em outros textos, isto é, os textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros textos, que funcionam como contexto. Nesta perspectiva, Fiorin e Savioli (2007, p. 20) definem a percepção das relações intertextuais:

A percepção das relações intertextuais, das referências de um texto a outro, depende do repertório do leitor, do seu acervo de seus conhecimentos literários e de outras manifestações culturais. Daí a importância da leitura, principalmente daquelas obras que constituem as grandes fontes da literatura universal. Quanto mais se lê, mais se amplia a competência para apreender o diálogo que os textos travam entre si por meio de referências, citações e alusões. Por isso cada livro que se lê torna maior a capacidade de apreender

de maneira mais completa o sentido dos textos (FIORIM; SAVIOLI, 2007, p. 20).

Além da análise intertextual estabelecida por meio da escrita, outros elementos externos também podem ser considerados quando se analisa um texto literário. Lukács (1999), em sua obra *O romance como epopeia burguesa*, faz uma breve reflexão sobre a luta – individual e coletiva – contrapondo, desta forma, o comportamento do homem da antiguidade e o homem de nossos dias:

[...] os homens modernos, ao contrário dos homens do mundo antigo, separam-se com suas finalidades e relações 'pessoais', das finalidades da totalidade: aquilo que o indivíduo faz com suas próprias forças o faz só para si e é por isso que ele responde apenas pelo seu próprio agir e não pelos atos da totalidade substancial à qual pertence (LUKÁCS, 1999, p. 63).

Para Platão e Aristóteles, na Grécia antiga todos aqueles que estivessem em condições de opinar sobre os rumos da sociedade é que eram considerados cidadãos. Desta maneira, Lukács nos leva a refletir sobre as obras de Homero, nas quais percebemos o espírito guerreiro e de liderança, a força de luta construída coletivamente. O valor da cidadania expresso nessas obras, de cunho histórico e filosófico, encontra-se hoje em permanente construção, embora vivamos ainda numa sociedade em que a conquista pela cidadania ainda se faz de forma bastante fragmentada, em que as pessoas ainda lutam, mas muitas vezes sozinhas.

A *Iliada* e a *Odisseia* – um passeio histórico e ficcional

Dentre todos os outros povos, o grego foi quem teve importância vital na formação da cultura ocidental. Através de seu especial talento e de suas habilidades altamente sofisticadas esse povo foi responsável pela decodificação do universo. Daí Seus dons e habilidade lançaram uma luminosa teia de influências que chega até nossos dias. Encontramos influências em quaisquer partes dos continentes, especialmente em autores contemporâneos consagrados, como Fernando Pessoa e Guimarães Rosa.

A representatividade das obras homéricas *Iliada* e *Odisseia* recupera, sem dúvida, as diversas leituras que já inspiraram. Em sua Poética, Aristóteles (1984, p. 65) afirma que “Poesia é imitação”. No capítulo II, quando fala das “Espécies de poesia imitativa, classificada segundo o objeto da imitação”, Aristóteles diz que “Homero imitou homens

superiores”. A Mimesis, segundo Aristóteles, sempre foi prática constante no processo da criação poética.

É na Grécia Antiga que começa ainda a recuperação da essência que a *Iliada* e a *Odisseia* vêm inspirando em seu longo percurso, constituindo-se como base da arte de todo o ocidente.

Desta forma, toda a organização dos cantos e dos versos, todo o cuidado com o estilo poético que teve o autor, a *Iliada* e a *Odisseia* são obras que vêm servindo de base e inspiração para os melhores escritores e poetas. Nesta perspectiva, em uma reflexão sobre a gênese da literatura, Todrov (2009, p. 22) aponta que "a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes". Desta forma, em seu percurso a *Iliada* e a *Odisseia* atravessaram a Antiguidade latina, os primórdios do Cristianismo, o Império Bizantino, o mundo Árabe, os períodos do Renascimento e da Reforma, os séculos XVII e XVIII, a época do Movimento Romântico, e chegaram até nós, que efetivamente temos o privilégio de analisá-las em várias perspectivas: de que forma Homero pode ter sido lido por Aristóteles e Platão; a visão de Santo Agostinho e os teólogos da Igreja avaliando quanto as histórias daqueles deuses contraditórios e personagens ambivalentes eram, ou não, úteis à propagação da nova fé; como Freud e Jung disputavam no terreno psicanalítico qual a melhor forma de decifrar a carga simbólica presente nos mitos gregos... Não importa se procede ou não, se tais embates são ou não historicamente comprovados, pois a verdade é que essas obras possuem comprovação e representatividade na literatura universal, isto é, o processo de consolidação dessas obras já foi efetivado na lista dos clássicos de todos os tempos. Ítalo Calvino (1993, p. 10) assegura que tais obras constituem fabulosa e inesgotável riqueza. É o que o teórico deixa claro quando faz um paralelo entre a sensação que têm um leitor jovem e um leitor experiente, quando leem uma obra de grande relevo literário: “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.”.

Os fatos apresentados pelas epopeias, sendo eles reais ou lendários, ou até mesmo a mescla de tudo isso, não faz diferença, mesmo porque o que interessa de fato ao leitor é a verossimilhança que ele pode adquirir em contato com as histórias. Essa impressão é o que

aponta o filósofo Junito de Souza Brandão (1996), em sua obra *Mitologia Grega*, quando faz referência à *Iliada*:

A *Iliada*, ao revés, descreve um fato histórico, se bem que revestido de um engalanado maravilhoso poético. Na expressão, talvez um pouco “realista” de Page, o que o poema focaliza “são os próprios episódios do cerco de Ílion e ninguém pode lê-lo sem sentir que se trata, fundamentalmente, de um poema histórico. Os pormenores podem ser fictícios, mas a essência e as personagens, ao menos as principais, são reais. Os próprios gregos tinham isso como certo. Não punham em dúvida que houve uma Guerra de Tróia e existiram, na verdade, pessoas como Príamo e Heitor, Aquiles e Ajax, que, de um modo ou de outro, fizeram o que Homero lhes atribui. A civilização material e o pano-de-fundo político-social, se bem que não se assemelhem a coisa alguma conhecida ou lembrada nos períodos históricos, eram considerados pelos gregos como um painel real da Grécia da época micênica, aproximadamente 1.200 a.C, quando aconteceu o cerco de Tróia (BRANDÃO, 1996, vol. I, p. 80).

É inegável que a autenticidade na *Iliada*, tanto do ponto de vista épico ou narrativo como geográfico, possa ser interpretada numa visão historiográfica e ficcional, o que também se confere como pano de fundo na obra *Odisseia*:

Ulisses teria sido o mascaramento da busca do estanho ao norte da Etrúria, com o descobrimento das rotas marítimas do Ocidente. Tratar-se-ia, desse modo, de uma genial ficção, embora assentada em esparsos fundamentos históricos, porque, no fundo, a *Odisseia* é o conto do nóstos, do retorno do esposo, da grande nostalgia de Ulisses. Este seria o ancestral dos velhos marinheiros, que haviam, heroicamente, explorado o mar desconhecido, cujas fábulas eram moeda corrente em todos os portos, do Oriente ao Ocidente: monstros, gigantes, ilhas flutuantes, ervas milagrosas, feiticeiras, ninfas, sereias e Ciclopes... (BRANDÃO, 1996, vol. I, p. 85).

Também nos interessa o valor didático e educativo desses poemas, conferidos pelos filósofos socráticos que já consideravam Homero como o educador de toda a Grécia, uma vez que na idade primitiva de um povo os valores estéticos não se separam dos valores éticos. O maior expoente deste tipo de arte literária tem como função principal o ensinamento – exortação ao trabalho, preceitos sobre a agricultura e a navegação, preceitos sobre a vida moral, calendários e orientações sobre o clima, o tempo, etc. Salvatore D’Onofre (1997, p. 96) apresenta-nos o grande valor didático das duas obras: “A *Iliada* é a epopeia da guerra, em que se exalta junto com a afirmação dos valores individuais de heróis em personagens profundamente humanos, o esforço coletivo dos gregos em suas conquistas de novos territórios.”.

De fato, a *Iliada* é a expressão artística da idade guerreira dos povos gregos, caracterizada pelas grandes emigrações, em que as virtudes estavam sempre ligadas à nobreza

e ao valor bélico. Relacionado com o conceito de virtude estava o sentimento da honra, pois a ética grega, acima de qualquer outra coisa, exigia o respeito ao ser humano – em vida ou após a morte. Observamos, por exemplo, na *Iliada*, a importância aos funerais dos heróis e a comemoração do aniversário de sua morte. Todos esses valores estão presentes também na obra *Odisseia*, o herói Odisseu demonstra o grande desprezo pelos pretendentes de Penélope, que, a nosso ver, violaram o código de cavalheiros que impunha o respeito à vontade de uma mulher indefesa. Deste modo, as obras de Homero são admiradas e consideradas não apenas como um legado da Grécia Antiga, mas como um verdadeiro patrimônio da humanidade. Pode-se dizer que com as obras de Homero, *Iliada* e *Odisseia*, nasceu a necessidade de construir a *Teoria da Literatura*. E a partir daí, estudar a evolução literária, os períodos da literatura, os gêneros, a narratividade, os versos, sons e ritmos, as influências exteriores sobre a produção literária, entre outros aspectos desta disciplina. Também a história da criação estética no Ocidente, como o Classicismo, foi baseada nos modelos da antiguidade clássica.

Cicatrizes e reminiscências – breve análise comparativa entre *Mimesis* e *A Cicatriz de Ulisses*, numa abordagem benjaminiana

O texto “Mimesis”, de Erich Auerbach (1946) nos apresenta uma retomada principalmente das matrizes aristotélicas sobre a construção poética. Neste texto, ele faz uma comparação descritiva, mostrando os planos temporal e espacial, a sintaxe, o uso de discurso direto e indireto, dentre outros aspectos formais, como elementos da narração, entre um texto do Velho Testamento (Gênesis 22,1-19), cujo tema trata do "Sacrifício de Isaac", e o texto “A Cicatriz de Ulisses”.

Por meio da análise da cena *flash back* do lava-pés, na *Odisseia*, a preocupação do estilo homérico de esclarecer todos os aspectos de análise mencionados é apontada por Auerbach – na *Odisseia*, é possível perceber a necessidade que teve seu autor de preencher a narração com todos os detalhes necessários. Desta forma, Auerbach elege outro texto, “igualmente antigo, igualmente épico”, para construir entre eles um diálogo narrativo.

Tomando o episódio do sacrifício entre Abraão e seu filho Isaac, Auerbach demonstra como a cena narrada, ao contrário da homérica, permanece indecifrável sob o ponto de vista da informação revelada ao leitor, como sensação de lacunas. Entre os dois textos há concepções diferentes de *tempo*: enquanto na *Odisseia* vive-se um eterno presente, mesmo

quando a narração retroage ou avança no tempo, o texto bíblico contempla uma densidade, não só em relação ao texto, mas também quanto ao destino e à consciência de seus personagens. Nesta perspectiva, Auerbach dialoga com o teórico Walter Benjamin (1994) sobre o papel decisivo do narrador, que, embora traga consigo um papel diferenciado nas duas histórias, suas experiências são oferecidas como um legado transmitido a seus ouvintes.

Essas experiências são fatos que pertencem à tradição, tanto na vida coletiva como na particular, o que segundo Benjamin, estão em baixa. Para este autor, "uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo" (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Tanto na história do "Sacrifício de Isaac", quanto em "A Cicatriz de Ulisses", há uma materialização da rememoração – uma forma em que o narrador vai tecendo à maneira de tecer de Penélope, motivada pela ausência de Ulisses, seu amado esposo.

Ao listar as características do legítimo narrador, Benjamin também diz que este põe a sua marca na coisa narrada, ou seja, a narrativa não pretende transmitir um relatório puro, mas mergulha a história narrada na vida do narrador. E explica também que a arte de narrar seria semelhante à atividade artesanal, pois assim como o artesão põe nos seus produtos a sua marca pessoal, também o narrador põe em suas histórias a sua própria marca.

Assim como o tecido é produzido no tear, o texto é narrado como fruto da luta da lembrança contra o esquecimento. Nesta perspectiva, Walter Benjamin faz uma reflexão sobre a reminiscência, como a grande perpetuadora da tradição na arte de narrar:

A reminiscência funda a cadeia da tradição. Que transmite o acontecimento de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si (BENJAMIN, 1994, p. 211).

Trabalhar com Memórias implica muitas vezes escavar ruínas do passado, que implica resolver experiências dolorosas ou gratificantes e recuperar imagens, ainda que distorcidas pela ação do tempo. Esta recuperação se dá ao transformar em discurso aquilo que ficou esquecido na memória, mas acessada, não só como instrumento para conhecer o passado, mas como meio de se alojar as experiências passadas, que, segundo Benjamin, são como ruínas que denunciam a presença do passado no presente. O momento em que Euricleia percebe a cicatriz de seu amo, o rei de Ítaca, ilustra muito bem essa busca de revelações, através da memória – é um relato pormenorizado que acontece com a interrupção da narrativa, e que nos

leva a conhecer personagens, como Autólico e Euricleia e, principalmente, a identidade de Ulisses, que até então permanecia longe de nosso conhecimento.

É através dessa rememoração que narrador e ouvinte, segundo Benjamin, mantém o interesse em conservar o que foi narrado. Ele assinala que

A memória é a mais épica de todas as faculdades: somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se por outro, com o desaparecimento dessas coisas com o poder da morte (BENJAMIN, 1994, p 214).

Para Auerbach, o conceito épico, influenciado pela Antiguidade Clássica, consiste em “não deixar nada na penumbra ou inacabado”. Prova disto é o “retardamento”, principalmente quando da narração emocionante do canto XIX, quando Ulisses volta à casa e sua ama Euricleia o reconhece através da cicatriz na coxa – tudo narrado com exatidão, com descrição pormenorizada, mas o que há é um momento de tensão relativamente débil nesta passagem, pois não “se suspende a respiração do leitor ou do ouvinte” (AUERBACH, 1946, p. 118). Essa característica da narração é explícita por Benjamin, quando diz que Leskov nisso “é magistral”. E acrescenta que em seus textos “O extraordinário e o miraculoso são narrados com exatidão” (BENJAMIN, 1994, p. 206).

Segundo Walter Benjamin, o narrador é aquele que se apropria da voz ou, em outras palavras, a voz que nos conta os fatos e seu desenvolvimento. Segundo ele, o narrador épico conta histórias de modo a transmitir sabedoria, como em *Iliada* e principalmente em *Odisseia*. E é num texto igualmente antigo, o do sacrifício de Isaac, que se revelam episódios exemplares, válidos como conselhos e sabedoria.

A sabedoria de que trata Walter Benjamin é produto da *experiência* (Benjamin considera Leskov como o modelo para esse tipo de narrador). Para ele, os autênticos narradores combinam os relatos do camponês sedentário ou do artesão e os relatos do viajante. Nesta perspectiva, também o papel do *rapsodo* ou *aedo* (cantador que ia de cidade em cidade cantando a história de seu povo, como é o caso de Homero) é fundamental na difusão das lendas e tradições populares e no enriquecimento da cultura oral em sociedade letrada.

Considerações finais

As obras homéricas *Iliada* e *Odisseia* figuram como um dos mais antigos documentos

escritos da literatura grega. São cantos que contém vestígios significativos de diversas culturas que retratam a vida, os costumes, a organização social e política dos povos antigos, nos quais se inclui a época de florescimento da civilização micênica.

Ao oferecer uma leitura das obras homéricas *Iliada* e *Odisseia*, objetivamos não simplesmente uma abordagem do gênero, ou uma análise da narrativa, mas propor um estudo intertextual, buscando entendê-las como matrizes de nossa cultura, como suporte e inspiração para várias gerações de poetas e escritores. Para cantar a história do povo português, em *Os Lusíadas*, por exemplo, Camões foi buscar na antiguidade clássica a forma adequada.

No exercício intertextual, são criados novos textos que entrelaçam vozes pertencentes a outros contextos socio-históricos e trazem para o “novo” o “velho”, tanto para aderir à sua orientação, quanto para refutá-la, ou mesmo subvertê-la. É nesse entrelaçamento de textos que nascem possibilidades de recuperar em textos contemporâneos a voz de poemas produzidos há séculos ou milênios - dessas duas obras magníficas, desse belo (e por que não?) presente grego.

Além da riqueza para os estudos intertextuais como também para o campo artístico e literário, a *Iliada* e a *Odisseia* são consideradas fundamentais igualmente para compreensão da filosofia, da psicologia e da antropologia.

AGRADECIMENTOS: Ao professor Gerson Roani, pela dedicação e entusiasmo. À minha família, especialmente ao Pedro Henrique, meu caçula, e ao Kennedy, o primogênito, pela paciência e confiança.

The Iliad and the Odyssey: two pillars of Greek civilization and legacy for posterity

Abstract: *The study presented in this article provides brief reflections about the importance of Greek artworks Iliad and Odyssey, attributed to legendary rhapsode Homer. Deemed founding artworks of Western literature and thought of as "pillars of civilization", inspired and influenced writers and poets of all time. As a legacy of the past, the representation of these epics is characterized by the power of perpetuation, preservation of art, culture, moral values, political and philosophical. The study of intertextuality becomes fundamental for the analysis of the dialogue between these artworks and the vast output that comes through by means of many voices that is now socially diverse polemicize each other, sometimes complement or respond.*

Keywords: *Iliad and Odyssey. Epic Genre. Intertextuality.*

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Poética**. Os pensadores. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Vincenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

AUERBACH, Erich. A Cicatriz de Ulisses. In: ____ **Mimesis**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1946.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34ª ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Volume I, II e III. 10ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental**. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1997. 528 p.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e texto. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

LUKÁCS, Georg. **O romance como epopeia burguesa**. Trad. Letícia Zini Antunes. In *Ad hominen I: Revista de Filosofia, Política, Ciência da História*. Tomo II Música e Literatura. São Paulo: Ad Hominem, 1999.

NUNES, Carlos Alberto. **Ilíada** - Homero. 1ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

SCHULER, Donald. **Odisseia**, o poema das Auroras. In: HOMERO. *Odisseia*. Trad. Donald Schuler. Porto Alegre: L & PM, 2007.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 96 p.